

# AQUARELA ■ Ex-governador reafirma que cheque de R\$ 2,2 milhões foi negociação privada

## Roriz, tenso, depõe na delegacia

MARCOS BRANDÃO

Cristiane Madeira

O ex-governador do Distrito Federal Joaquim Domingos Roriz (PMDB) depôs por cinco horas, ontem, na Divisão Especial de Combate ao Crime Organizado da Polícia Civil. Intimado para explicar a delegados e promotores de Justiça a origem do cheque de R\$ 2,2 milhões que partilhou com o ex-presidente do Banco de Brasília (BRB) Tarcísio Franklin de Moura, Roriz alegou que a comercialização foi privada e firmada entre amigos, sem qualquer envolvimento com dinheiro público. Advogados do ex-governador comentaram que o depoimento foi tenso.

Em junho, a Polícia Civil do DF desencadeou a Operação Aquarela para frear as ações de uma quadrilha suspeita de desviar mais de R\$ 50 milhões dos cofres públicos por meio do BRB. O grampo feito no telefone de Tarcísio Franklin mostrou uma conversa entre o ex-governador e ele, em que combinavam a partilha do cheque da Agropecuária Xingu, emitido em nome do empresário Nenê Constantino, presidente do conselho administrativo da Gol Linhas Aéreas. O cheque seria para pagar a compra de uma fazenda na Bahia.

Quando o caso veio à tona, Roriz renunciou ao mandato de senador que ocupava desde o começo deste ano, depois de deixar o posto de governador do DF, que ocupou por quatro mandatos. Se não renunciasse, corria o risco de responder a um processo por quebra de decoro parlamentar no Conselho de Ética do Senado e ser cassado, perdendo os direitos políticos por mais de dez anos. Roriz não é um dos denunciados por envolvi-



Ao deixar a Divisão Especial de Combate ao Crime Organizado, Roriz afirmou que tudo foi esclarecido e que Nenê era um grande amigo

mento na Operação Aquarela, mas está sob investigação.

Durante o depoimento prestado aos delegados e promotores, Roriz manteve a versão apresentada quando as denúncias vieram à tona de que teria pego apenas R\$ 300 mil do cheque para comprar um bezerro e ajudar o primo Benjamim Roriz, que também prestará depoimento neste inquérito. O restante do dinheiro teria sido dividido entre empresários.

Ao sair, o ex-governador disse

à imprensa que Nenê Constantino era um grande amigo e que tudo ficou esclarecido. Também afirmou que, apesar de inocente, teve de renunciar porque se sentia profundamente angustiado por ser vítima de um complô feito por colegas do Senado que queriam desviar o foco da crise que a instituição passava em razão das denúncias contra o presidente licenciado da Casa, Renan Calheiros (PMDB).

— Renunciei ao mandato de oito anos que o povo de Brasília me atri-

buiu para provar minha honra. Também deixei o Senado para, na condição de cidadão comum, sem foro privilegiado, esclarecer os fatos com transparência — disse Roriz.

Depois de Roriz foi a vez dos promotores de Justiça e delegados ouvirem o depoimento do empresário Nenê Constantino, que chegou à Divisão Especial de Combate ao Crime Organizado acompanhado de seu advogado, Hermano Camargo. O depoimento dele não havia terminado até o

fechamento desta edição.

Constantino foi intimado a depor da condição de testemunha, assim como as demais nove pessoas que ainda serão ouvidas neste inquérito. Entre elas estão Tarcísio Franklin de Moura, Benjamim Roriz, o dono da Agropecuária Xingu, Nelson Schneider, e o major José Cassemiro, que seria o responsável por levar o dinheiro em espécie ao escritório de Constantino, onde os demais cuidariam da partilha.

## ■ Presidente da Gol perde a sua linha

O empresário Nenê Constantino, presidente do conselho administrativo da Gol Linhas Aéreas, tentou agredir ontem o repórter-fotógrafo Alan Marques, do jornal *Folha de S. Paulo*. O episódio aconteceu por volta das 15h30, quando o empresário chegou a Divisão Especial de Combate ao Crime Organizado da Polícia Civil (Deco) para prestar depoimento.

Constantino chegou ao local acompanhado de seu advogado, Hermano Camargo. Ao sair do carro, levantou a mão para Alan para impedir que tirasse fotos, mas acabou empurrando a câmera e machucando o pescoço do fotógrafo, que não chegou a se aproximar muito.

Visivelmente nervoso, quando reparou que Alan Marques continuaria a retratá-lo, Constantino agachou-se e pegou uma pedra de três quilos que só não foi arremessada contra o fotógrafo porque seu advogado o deteve.

Em seguida, o empresário tropeçou nas escadas que davam acesso à Deco e entrou na sala onde seria ouvido.

Cerca de meia hora depois, o advogado Hermano Camargo voltou para a entrada onde estava a imprensa e pediu desculpas ao fotógrafo em nome de Nenê Constantino. Alan Marques, depois de consultar o jornal que trabalha, decidiu não registrar queixa contra o empresário.



Nenê Constantino tentou empurrar a câmera e acabou agredindo o fotógrafo Alan Marques, na porta da Divisão de Combate ao Crime

FOTOS DE WILSON DIAS/ABR